



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10687 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 15 - Psicologia da Educação

NARRATIVAS GERONTOPEDAGÓGICAS DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Adriana da Silva Lessa - PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

NARRATIVAS GERONTOPEDAGÓGICAS DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

O presente trabalho compõe recortes da estruturação de minha tese de doutorado, pesquisa fruto de quase cinco anos com grupos de idosas onde o tempo e as nossas afinidades com o campo da Educação proporcionaram um vínculo de confiança. Como minha tese encontra-se em construção, pretendo relatar as lembranças, os sentimentos, as dificuldades e os sucessos na trajetória de minha pesquisa em tempos de pandemia. Fica o desejo de dividir com os colegas pós-graduandos as vivências de uma pesquisadora em formação e as gerontopedagogias de aposentadas ativas. Meu estudo tem como objetivo compartilhar algumas práticas educacionais e compreender as subjetividades que permeiam o processo do envelhecimento de mulheres idosas trabalhadoras aposentadas ativas da/com Educação, bem como expor as potencialidades desses grupos, que infelizmente amargam em estereótipos de reacionárias e adoecidas por acadêmicos e pela sociedade de forma geral. Portanto, fica explícito o fator agregador e inédito da pesquisa dando enfoque nas potencialidades e no que essas mulheres aposentadas, ainda trabalhadoras ativas em Educação, tem para ensinar, sendo aqui retratadas como as porta-vozes de suas histórias e protagonistas de processos educacionais.

Em virtude do reconhecimento das transformações sociais e do aumento do número de pessoas idosas, principalmente mulheres, o fomento da inclusão social e do protagonismo dessas pessoas é entendido como abordagem geradora de cidadania, lazer e qualidade de vida a esse segmento populacional. Nesse sentido, pensar em ações com a população idosa torna-se uma necessidade. A academia brasileira ainda conta com pouco material publicado especificamente na área da Educação que abarque as especificidades dessa população e foi essa a minha maior motivação na busca do doutoramento em Educação. Para expressar a

escassez da divulgação científica do trabalho educativo de idosos, realizei um levantamento inicial sobre a realidade da temática no país para a construção deste resumo. Começo ressaltando que há somente um grupo de pesquisa vinculado a uma universidade federal em meu estado que se ocupa diretamente da pesquisa sobre o envelhecimento e a Educação e, em uma busca na biblioteca geral da ANPED, encontrei apenas cinco trabalhos que versam diretamente sobre o tema em seus títulos. É interessante observarmos o movimento de confecção, submissão e apresentação de material acerca do envelhecimento somente nas últimas reuniões de nossa associação, o que demonstra ser um interesse deveras recente dos pós-graduandos brasileiros sobre os enlaces do envelhecimento e da Educação.

A minha pesquisa é de natureza qualitativa e utilizo a metodologia narrativa. A autora Marie-Christine Josso (2020) nos convida a pensar que a vida é narrada, de forma comum ou excepcional, com os mais variados objetivos e das mais diversas maneiras na tentativa de compreender as dinâmicas relacionais individuais ou coletivas. O reconhecimento das aprendizagens experienciais, ou da aprendizagem anterior, auxiliam na formação do profissional (professoras, pesquisadoras, contadoras de histórias). Trabalhar a memória é uma postura poderosa ao ponto de se tornar uma forma importante na recuperação da dignidade humana. A autora afirma também que as abordagens que incluem história de vida atravessam fronteiras mentais, até mesmo do que herdamos, para, a partir das interações, nos permitirmos “recompôr novas funcionalidades”, características possíveis de serem conquistadas por via virtual ou no mundo real (JOSSO, 2020). Assumo essa experiência acadêmica como algo totalmente novo e um grande desafio em minha trajetória de pesquisa. Estudar a vida do outro acaba sendo um exercício de revisitar a sua trajetória e a construção do seu papel enquanto pesquisadora e, a partir do entendimento de que ser pesquisadora é um processo contínuo de compor sentidos com o público da sua pesquisa, percebo que esse movimento não finde e que o processo se dá durante toda a confecção de coleta e análise, não somente na conquista do produto final, na apresentação dos resultados finais da tese.

As nossas interações são dinâmicas e, sendo a subjetividade humana alocada no campo do imprevisível e do surpreendente, é essa a beleza, o pioneirismo e a atração da natureza dessa modalidade de pesquisa exerceu sobre mim. Se as pesquisadoras narrativas da área da Educação se ocupam em aprofundar e descrever vidas, então podemos concordar que “vida é Educação e os educadores estão interessados em vidas” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 663) logo somos não só ouvintes de histórias, mas viventes delas. Vivemos, contamos e recontamos ativamente durante todo o processo da pesquisa. Com esse viés o ouvir é mais importante do que uma abordagem intervencionista (SOUZA, 2018). De certa forma, há uma certa ambivalência em me colocar num papel tão fluido: ser entrevistadora, mas também, de certa forma, entrevistada. Afinal, como brilhantemente definiu Ecléa Bosi (1994) em seu clássico “Memória e sociedade: lembranças de velhos”: “quando a gente se confessa precisa falar toda a verdade” (BOSI, 1994, p. 99), então assumo essa experiência acadêmica como algo inédito e um grande desafio em minha trajetória de pesquisa. Valeska Souza (2018) segue esse raciocínio expondo que estudar o outro acaba sendo um exercício de

autoconhecer-se e que, a partir do entendimento que ser pesquisadora é um processo contínuo de compor sentidos com o público da sua pesquisa, percebemos que nossa construção enquanto pesquisadora não acaba ao término de uma ida a campo. Diariamente aprendemos e reaprendemos em nossos projetos e com o coletivo de pessoas que fazem parte dele. É descobrindo as minhas fraquezas e as trabalhando que me fortaleço profissionalmente e dou corpo a minha tese. Como a autora brinca no artigo “deixando a peteca cair” que podemos trabalhar as dificuldades pessoais e de pesquisa, mas sem esquecer das qualidades que também emergem (SOUZA, 2018) e essa, com certeza, será uma grande virada de chave profissional.

Todo o conteúdo compartilhado neste manuscrito é fruto do registro de memórias: relatos do início da nossa relação, descrição dos encontros virtuais e combinações sobre o andamento da pesquisa. Visto que a partir de agora trabalho nas anotações realizadas em encontros passados pelo hábito da escrita e por confiar na potência grupal, entendo e tenho suporte teórico de que mais importante do que o ocorrido concretamente é a marca histórica que ficou em cada indivíduo e o compilado de memórias afetivas que a fala evoca. Bosi (1994) reforça essa percepção ao afirmar que a completa veracidade dos fatos, ou os lapsos passíveis de ocorrer nos relatos, além de serem pontos inalcançáveis não a inquietavam tanto quanto a reconstituição afetiva que as lembranças trazem. Para ser totalmente fiel ao concreto a evocação das lembranças deveriam ser infinitas, pois “lembranças puxam lembranças” (Ibidem, p. 39). Outra contribuição importante está em uma passagem (Ibidem, p. 183) onde é narrado que “o tempo passou e o leite cozeu. Mas o tempo não passa, o tempo é estático, o tempo é, nós que estamos passando pelo tempo, nós nos desgastamos no tempo, deu pra compreender?”. Afinal, escrever sobre a história de alguém é desnudá-la: expor, sensibilizar e dar permissão para mostrá-la vulnerável ao leitor. É colocar a sua vida em palavras, dar nome e registro histórico para a sua existência. A escuta que tento exercitar busca organizar um espaço acolhedor que proporcione às mulheres aposentadas a liberdade de expressar seus sentimentos. Assim, busco estar presente nas atividades educativas organizadas por elas, onde as participantes podem compartilhar vivências, favorecendo a escuta ativa de suas histórias pregressas, validando suas identidades, fortificando o vínculo, possibilitando interações espontâneas e a autonomia dessas mulheres educadoras. Messias (2015) afirma que o convívio social das idosas possibilita o engajamento dessas pessoas em atividades que as validam e fomentam o sentir-se útil, uma vez que todas estarão envolvidas em atividades que lhe proporcionarão prazer, isto é, eles se mantêm engajados socialmente e a relação com outras pessoas contribui significativamente em sua qualidade de vida. Uma vez realizadas essas atividades grupais, junto com entrevistas semiestruturadas, buscarei sistematizar eixos temáticos para a categorização das experiências educativas que as mulheres compartilharem, bem como as minhas percepções no transcorrer das interações.

O meu contato inicial com o primeiro grupo se deu ainda em meu mestrado em Gerontologia (2017), campo de estudo que tem interesse na interdisciplinaridade do processo do envelhecimento. Fui convidada a mediar um grupo que acontecia há vinte anos nas

dependências da minha universidade. A partir de 2019 o grupo tomou frente para encontrar uma sede onde tivessem mais liberdade nas atividades. A sede dos encontros ficou estabelecida em um clube cedido pela prefeitura dentro de um parque da capital, bem como decidiram um nome para dar identidade ao grupo. No local são ofertadas diversas modalidades de exercício, meditação e terapias ocupacionais. Com a minha aprovação no doutorado comecei a sondar a possibilidade de poder contar com a participação delas em minha pesquisa. O contexto da pandemia (2020) afetou a todas de maneiras distintas. Um grupo de *whatsapp* se desfez, pois houve atritos políticos e muita disseminação de notícias falsas, principalmente referente a pandemia e aos protocolos de segurança. A partir disso o meu contato com o grande grupo diminuiu, mas as senhoras com quem mais tinha proximidade continuaram trocando mensagens privadas comigo via *whatsapp*. Uma delas seguiu enviando recados diariamente e trocamos mensagens de áudio periodicamente. Ela relata suas angústias na casa de parentes que não respeitam o isolamento quando poderiam respeitar, bem como não seguem as medidas de segurança adequadamente. Ela também relatou um fato traumático que a família enfrentou, onde uma integrante da família, uma mulher jovem, passou por um aborto espontâneo em sua primeira gravidez. É na religiosidade que ela suporta os percalços da solidão pandêmica. Conjecturo que é na esperança de poder rever sua maior rede de apoio, que foi o que se transformou esse grupo para muitas delas, e em contar sua história para alguém que tenha interesse em ouvi-la e recontá-la, que os dias podem ser enfrentados com um pouco menos de peso, tornando essa nova realidade suportável. Num primeiro momento foi pensada a coleta via ligação de vídeo, mas, pela inabilidade tecnológica que a maioria possui e toda a questão problemática do grupo de *whatsapp*, logo revi essa questão e pontuei em orientação sobre a necessidade de um tempo, visto que o período que enfrentamos carregava desgostos e desafios suficientes a todas nós.

Em 2021, após conversas privadas por *whatsapp* com algumas integrantes, o grupo decidiu voltar com atividades *online* até um encontro em local aberto e arejado ser viável. Algumas regras de participação foram criadas e reforçadas para que o convívio virtual pudesse ser minimamente agradável. Sublinho algumas condutas solicitadas: não compartilhar conteúdo político, notícias com suspeita de serem falsas, correntes e mídia erótica/pornográfica. O histórico de interação virtual do grupo de *whatsapp* demonstra que os referidos assuntos levantavam polêmicas, ofensas e brigas que, com a pandemia, acabavam se estendendo entre as integrantes. Quem geralmente compartilha esse tipo de mídia são os homens, que estão em quatro integrantes. Com a moderação mais atenta e com menos paciência de repetir avisos que já foram falados diversas vezes aconteceu de dois integrantes serem retirados do grupo por reiteradamente descumprirem com o acordado. Com o retorno do grupo fiz um levantamento com elas se dessa vez seria possível aprendermos juntas a fazer chamadas de vídeo para voltarmos a ativa e começarmos a vislumbrar o nosso futuro. Me coloquei no lugar de aprendiz junto delas, o que facilitou, pois inicialmente havia muita resistência tecnológica. Percebi nas entrelinhas que talvez houvesse um pouco de vergonha por não conseguirem acompanhar o ritmo dos encontros, por não saberem ou terem resistência com esses recursos, imaginando equivocadamente que eu teria maior domínio ou gosto por tal

mecânica. Ao me colocar como alguém que também não gosta de encontros virtuais, muito menos prefere esse tipo de interação, surgiu a possibilidade de fazermos treinamentos e experimentarmos os recursos não como substitutos dos nossos encontros grupais quando na modalidade presencial, pois jamais seria o mesmo, mas como um novo lugar para fazermos combinações para o futuro do grupo e para falarmos como foi a semana de cada uma, como se fosse uma ligação telefônica. Tirando o peso da tecnologia e da pesquisa se tornar virtual, algo que elas anseiam por participar, mas não admitem ser *online*, tudo passou a fluir. Os encontros que antes eram negados veementemente passaram a ocorrer semanalmente.

A relação reconstruída a partir do trabalho de ensino tecnológico torna as participantes próximas e a vontade, mesmo com o uso da tão temida internet, proporcionando encontros mais informais que estão resultando em anotações poderosas que dá voz para pessoas comuns, com bagagem extensa de memórias e que muito tem a dizer, mas com poucos dispostos a ouvir. As conversas começam genéricas e amplas, mas aos poucos vão afunilando e tornando-se temáticas. Elas relatam suas dificuldades de saúde, que são variadas (leucemia, obesidade, diabetes, asma), e suas perdas ao longo dessa pandemia. A maior dor aparece na perda de familiares mais novos. A penumbra da morte que ainda ronda e um certo sentimento de culpa “*era tão novo, pela lei da vida não era para ser eu?*” aparecem e são sentimentos acolhidos. As alegrias por terem conseguido um tratamento médico no SUS ou a vacina são compartilhadas semana após semana. Uma outra situação relatada que pode reforçar isso é o atendimento das instituições bancárias com as pessoas velhas durante a pandemia. Duas participantes reclamaram que seus cartões venceram e o banco não encaminhou para sua residência, mas deixou na agência de origem para retirada. Por questão de saúde, tentando se preservar da contaminação pelo coronavírus, ligaram solicitando o envio, o que foi negado pela instituição de ambas. Elas precisaram se deslocar até uma agência mais distante, pois não são todas que estão funcionando nesses novos tempos, e até a retirada ficaram sem movimentar suas contas. O mesmo aconteceu comigo: minha agência de origem fechou, a mais próxima era dois bairros do meu, só que solicitei o envio para minha residência pelo aplicativo do banco e consegui. Elas reportam que não usam o aplicativo com medo de sofrerem golpes virtuais.

No último encontro virtual acabei por descobrir que fui cliente por anos de um famoso restaurante de pizzas de propriedade de uma das senhoras que participa ativamente do grupo. Ela me contou dos seus empreendimentos em um dos bairros boêmios da capital e da divisão desses bens quando se separou. Ela acabou deixando a pizzaria sob direção do ex-marido e de seu filho. Também contou como conheceu seu atual marido em seu outro empreendimento, uma cafeteria, nos mostrando que nunca é tarde para ser feliz e amar.

Ele ia diariamente tomar café na minha cafeteria, religiosamente todas as manhãs. Acho que por ser sozinho, não queria fazer café só pra ele. Conversa vai e conversa vem ele me convidou para ir ao teatro e eu aceitei. Aí virou jantar, barzinho... até que me convidou para morar com ele e estamos com união estável tudo certinho faz muito tempo. Há oito anos eu também fiz um curso na PUC que minha filha me deu. Era para aprender a me cuidar melhor, mas no fim eu saí de lá com mais um emprego (cuidadora de idosos) e com um marido tudo no mesmo ano. Faz oito anos que cuido de idosos e comecei o curso as vésperas dos meus sessenta anos.

A partir do trabalho de anos com o primeiro grupo, uma das participantes, que é orientadora educacional aposentada e frequenta um grupo da associação de sua classe, me convidou para participar de um dos encontros com a finalidade de constituir vínculo e convidá-las para também participarem da pesquisa. A associação conta com um grupo voltado para as suas orientadoras aposentadas e tem um bom número de participantes, então sinalizei que estaria presente. A indicação da colega de profissão foi fundamental para que o aceite fosse quase imediato pelas demais componentes do grupo da associação. Depois de um momento inicial de apresentação, divulgado no jornal institucional, fui em outro encontro já mais espontâneo onde algumas falas como *“uma vez professora, sempre professora... essa ideia de idosa sentadinha não comporta mais. Descansar é uma pinóia, se eu descansar muito eu enferrujo!”* ditas por uma orientadora educacional aposentada de 83 anos. Os encontros *online* com o grupo da Associação de Orientadores Educacionais do meu estado foram muito agradáveis, onde foram abordados assuntos da religiosidade de cada uma, dificuldades da pandemia, os preparativos que a instituição vem organizando para comemorar o centenário de Paulo Freire e as combinações sobre como serão os procedimentos de minha pesquisa. Na apresentação de minha qualificação algumas participaram e foi um momento muito agradável e de fortalecimento. Uma professora integrante da banca sugeriu o acréscimo de um grupo de aposentadas do sindicato de professoras em minhas coletas. Entrei em contato com uma participante e já iniciei o trabalho grupal com essas mulheres. Os dois grupos são contatos recentes, mas promissores, e contam com mulheres mais velhas do que o grupo que tenho mais tempo de estrada, o que me deixou bastante curiosa e feliz pela oportunidade de novas aprendizagens.

Por se tratar de uma pesquisa com metodologia narrativa e que teve sua coleta presencial prejudicada em decorrência do contexto sanitário proveniente da pandemia do coronavírus, foi possível uma amostra teórica da contextualização da relação grupal e de pesquisa antes da pandemia e das vivências virtuais durante o período de um ano e meio que estivemos em isolamento social (2020/2021). O plano é finalizar as coletas presenciais agora que estamos todas vacinadas. A situação sanitária ainda é complexa e necessita de cuidado por se tratar de uma pesquisa com população de risco, mas a amostra da pesquisa está garantida, pois sempre falam que fazem questão de participar de todas as etapas, desde a presença em minha qualificação de doutorado até sugestões de literatura para a escrita da tese. A partir dos relatos compartilhados já é possível perceber a riqueza de conteúdo que a investigação vem aflorando e quão necessária é a contribuição da pesquisa para o campo da Educação e é por elas, que também carregam um pouco de nós e das nossas, que reforço a importância da continuidade do presente estudo e da divulgação científica desse trabalho que visa difundir a gerontopedagogia das educadoras aposentadas (sempre) ativas brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Gerontopedagogia. Aposentadoria ativa. Envelhecimento e Educação. Psicologia e Educação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. A. P. et al. A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 115 - 131, jan./jun., 2015.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- JACOB, L. **Universidades Seniores**: Criar novos projectos de Vida. [S.l.]: Edição RUTIS, 2012.
- JOSSO, M. C. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020.
- MESSIAS, A. R. Cinema, cultura e mulher idosa. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 4, Edição Especial - Contextos da Cultura, p. 33-43, nov. 2015.
- SOUZA, V. V. S. Eu... uma pesquisadora narrativa: aprendendo a pensar e escrever narrativamente. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 3, n. 9, p. 966- 982, set./dez. 2018.